



Ossário [Crestfall, 2003]

de Mark O'Rowe

Tradução | **Francisco Luís Parreira**

Encenação | **João Cardoso**

Cenografia | **Sissa Afonso**

Figurinos | **Bernardo Monteiro**

Desenho de luz | **Bruno Santos**

Sonoplastia | **Francisco Leal**

Interpretação | **Isabel Queirós**

Rosa Quiroga

Alexandra Gabriel

Construção do cenário | **Tudo Faço**

Fotografia de cena | **Ana Pereira**

Imagem gráfica | **Fuselóg**

Assistência de produção | **Cláudia Pim**

Porto, 12 a 20 de Março de 2005

Rivoli Teatro Municipal

Susceptível de fascinar os espectadores mais sensíveis

Paulo Eduardo Carvalho

Mark O'Rowe é um dos mais destacados representantes da geração de dramaturgos responsáveis pela renovação do teatro irlandês, em meados da década de 90, e pelo seu relançamento a nível internacional, alguns dos quais já razoavelmente conhecidos em Portugal, como é o caso de Conor McPherson, Martin McDonagh ou Enda Walsh. Com McPherson, o autor de *Rum e vodka*, O'Rowe partilha sobretudo a exploração das possibilidades abertas pela forma monologada e a preferência por universos suburbanos. Com McDonagh, tem sobretudo em comum a atracção por histórias violentas, mais devedora de uma cultura cinematográfica e televisiva massificada do que de uma qualquer formação literária ou especificamente teatral. A revelação portuguesa de O'Rowe deveu-se ao empenho e talento do tradutor Francisco Luís Parreira e do actor e encenador António Simão, responsáveis pela criação, em 2000 e 2002, respectivamente, de *Agá o Piolho* e de *Made in China*.

Aqueles dois espectáculos revelaram, entre nós, um invulgar dom narrativo e, sobretudo, um surpreendente trabalho sobre a linguagem, que continua a ser um dos traços mais distintivos da originalíssima criação deste dramaturgo. Tal facto tem justificado a aproximação do seu trabalho de reinvenção linguística a autores tão diversos como James Joyce – embora O'Rowe afirme nunca ter lido *Ulisses!*... –, Dylan Thomas, Irvine Welsh ou Roddy Doyle, e o elogio de outros dramaturgos seus contemporâneos: o também irlandês Dermot Bulger já afirmou que *From Both Hips*, de 1997, “anunciou a chegada de um dramaturgo empenhado em utilizar a linguagem de um modo a que nunca antes se tinha assistido num palco irlandês”, enquanto o dramaturgo norte-americano Neil LaBute destacou “os seus tornados rodopiantes de belas palavras”. Na realidade, em todas as suas peças, embora com subtis e deliberadas variações, O'Rowe tem explorado uma espécie de investimento na energia da linguagem – aquilo a que um crítico já chamou “as palavras feitas carne” –, oscilando entre o mais completo naturalismo e um registo mais estilizado, parecendo recuperar o linguajar da rua e da sarjeta para depois o elevar a níveis absolutamente extraordinários de sugestão visual e intensidade poética.

Este mais recente *Ossário* (*Crestfall*, 2003) leva a assumida atracção do dramaturgo por histórias sombrias e por narrativas de violência a fascinantes extremos, forçando a sua linguagem dramática a um renovado desafio expressivo. Nas palavras do próprio O'Rowe, esta sua história é “sobre um lugar ficcional na Irlanda, uma pequena cidade abandonada por qualquer espécie de bondade, na qual todo o tipo de transacções, sejam elas físicas, comerciais ou emocionais, têm lugar a um nível violento e desumano. É como uma espécie de cidade de fronteira, sem leis, é a história de três mulheres diferentes que decorre durante um período de seis horas, e é basicamente sobre esse pequeno vislumbre de bondade, essa tentativa de sobreviver num lugar tão completamente perdido e desumano”. Na realidade, o mundo convocado em *Ossário* expõe e exhibe as mais extremas manifestações da depravação humana, numa narrativa veloz e fragmentada, marcada por encontros sexuais violentos, episódios de bestialidade, de tortura e de confrontos sanguinários, narrados por três mulheres – Olive Day, Allison Ellis e Tilly McQuarrie – e vividos por uma multiplicidade confusa de personagens, em que se cruzam um chulo cruel, um marido infiel, um *gangster* e diversos outros “fantásticos” marginais.

A história que emerge do cruzamento das três narrativas criadas por O'Rowe – dramaticamente expressivas da experiência e da sensibilidade de cada uma destas mulheres – atinge proporções quase épicas, confirmando a capacidade particular da linguagem do dramaturgo para funcionar como motor da intriga, alternando a mais pura abjeção com a evocação poética, o brutal com o humorístico, o jogo lúdico das palavras com a expressão mais pungente. O resultado é a versão grotesca de um perturbador fresco humano, em contexto suburbano, fruto da acção de um conjunto popular de referências formativas – pense-se na dimensão mais sangrenta e na liberdade narrativa de uma cinematografia que pode ir de Dario Argento a Quentin

Tarantino -, transfiguradas por uma singular sensibilidade às potencialidades expressivas do teatro. Há nestes poéticos fluxos discursivos, marcados por uma fragmentação quase estenográfica, e no desafio de concentração teatral que propõem, algo próximo da radicalidade experimental beckettiana, embora aqui compensada por uma expressividade mais carnal e violenta. O território desta ficção, esse não podia ser mais teatral, insustentavelmente colocado entre o pesadelo e a realidade, justamente aquele susceptível de fascinar os espectadores mais sensíveis...

Mark O'Rowe nasceu em 1970, em Tallaght, uma cidade satélite a sul de Dublin. Tendo começado a escrever para o teatro só aos 24 anos, desenvolveu as suas primeiras experiências em colaboração com o Tallaght Youth Theatre e a Fishamble Theatre Company. É autor de diversas peças originais: *Anna's Ankle* (1997), Projects Arts Centre, Dublin, encenação de John O'Brien; *The Aspidistra Code*, objecto de uma leitura encenada, dirigida por Gerard Stembridge, Peacock Theatre, Dublin; *From Both Hips* (1997), Little Theatre, Tallaght, e Projects Arts Centre, Dublin, encenação de Jim Culleton e produção da Fishamble Theatre Company (BBC/Stewart Parker Trust Award 1997 para Melhor Primeira Peça); *Howie the Rookie* (1999), Bush Theatre, Londres, encenação de Mike Bradwell e produção do Bush Theatre (George Devine Award, Rooney Prize for Irish Literature, Herald Angel Award para Melhor Espectáculo no Edinburgh Festival Fringe 1999 e Irish Times/ESB Irish Theatre Award 2000 para Melhor Nova Peça); *Made in China* (2001), Peacock Theatre, Dublin, encenação de Gerard Stembridge e produção do Abbey Theatre; *Henry IV (Part 1)*, adaptação do texto de Shakespeare (2002), Peacock Theatre, Dublin, encenação de Jimmy Fay e produção do Abbey Theatre; e *Crestfall* (2003), Gate Theatre, Dublin, encenação de Garry Hynes e produção do Gate Theatre. Para cinema, escreveu o argumento de *Intermission*, realizado por John Crowley (2004). Em Portugal, foram já produzidas as peças *Agá o piolho (Howie the Rookie)* e *Made in China*, estreadas respectivamente em 2000 e 2002 (com reposição em 2004), ambas com tradução de Francisco Luís Parreira e encenação de António Simão.

Sinopse

Ossário é "sobre um lugar ficcional na Irlanda, uma pequena cidade abandonada por qualquer espécie de bondade, na qual todo o tipo de transacções, sejam elas físicas, comerciais ou emocionais, têm lugar a um nível violento e desumano. É como uma espécie de cidade de fronteira, sem leis, é a história de três mulheres diferentes que decorre durante um período de seis horas, e é basicamente sobre esse pequeno vislumbre de bondade, essa tentativa de sobreviver num lugar tão completamente perdido e desumano" (Mark O'Rowe). Três personagens, três mulheres, três monólogos, três narrativas que se cruzam para nos contar uma história passada algures num território entre o pesadelo e a realidade. Através da alternância de intervenções monologadas, multiplicam-se as visões sobre um mesmo conjunto de acontecimentos violentos, servidas por uma linguagem ágil, inventiva e veloz, erguida da sarjeta às alturas da mais surpreendente poesia.

À entrada do *Ossário* a marear

João Cardoso

Entrar no território sangrento deste *Ossário*, penetrar nesta linguagem ao mesmo tempo poética e estenográfica, lidar com esta exigente partitura rítmica, foi uma tarefa que simultaneamente nos fascinou e aterrorizou. Foi um desafio explorar o universo destas mulheres, destas personagens descarnadas pela cruzeza e ferocidade social, atiradas para o descampado de relações que é este lugar ficcional criado por Mark O'Rowe.

Olive Day, Alison Ellis e Tilly McQuarrie são criaturas que vivem como que encafuadas num buraco, no seu buraco, de dentro do qual falam, com uma explosão alucinante de palavras e de imagens. Contam-nos as suas vidas cruzadas num caleidoscópio de peripécias que cabe ao espectador acompanhar ao longo do espectáculo.

O dispositivo cénico escolhido - uma espécie de três cacifos sob os quais subsiste uma plataforma de cascalho de granito agressivo - tenta sugerir um espaço de individualidade para cada uma das personagens, ao mesmo tempo que assegura o território conjunto das suas histórias passadas e das suas narrativas presentes.

A individualidade relativa das personagens foi a opção a que chegámos, por nos parecer que melhor servia este texto, que melhor assegurava o desaguar deste caudal imagético, desta sucessão de *frames*, numa espécie de delirante montagem cinematográfica.

Com este trabalho, a ASSÉDIO alarga, uma vez mais, o universo dos seus colaboradores, desta feita com as participações do tradutor Francisco Luís Parreira, da actriz Isabel Queirós e do desenhador de luz Bruno Santos. Particularmente para eles, mas também para todos os que conosco reincidentem nesta aventura, vai o nosso agradecimento pela forma empenhada e emotiva como activaram a sua cumplicidade, pelo fogo de talento que emprestaram ao nosso fazer.

Agradecimentos

Ana Margarida Vaz
António Durães
Cristina Costa
João Pedro Vaz
Lígia Roque
Manuela Ferreira
Paulo Cardoso
Rute Pimenta
Susana Menezes